

16) "Quem é o meu próximo?"

"Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? Disse-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como é que lês? Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo. Falou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto e viverás. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus então contou: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores..." (Lc 10,25ss).

A parábola do "bom Samaritano" está inserida no diálogo entre um doutor da Lei e Jesus, diálogo cheio de perguntas de uma parte e da outra, e é o jogo daquelas perguntas que é muito esclarecedor para a conversão que Jesus pede àquele doutor da Lei e a cada um de nós.

A pergunta imediata que provoca a parábola de Jesus é: "E quem é o meu próximo?"; mas não devemos esquecer que esta pergunta é a consequência de uma outra: "Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?".

A primeira pergunta, embora feita pelo doutor da Lei para pôr Jesus à prova, é a pergunta fundamental, porque diz respeito ao sentido da vida e da nossa responsabilidade diante do nosso destino. Cada homem traz consigo o desejo de uma vida plena, o desejo de viver bem, de alcançar a finalidade da vida, uma vida eterna. Jesus reenvia aquele homem a tradição que foi formado e, da qual, é também doutor. Deus, de fato, revelou ao povo hebreu o caminho da vida eterna, que pede, essencialmente, para amar a Deus e ao próximo. Aquele homem sabe de cór o seu catecismo: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com toda a tua mente, e ao teu próximo como a ti mesmo".

É necessário somente isto para ser feliz; mas aquele homem, que queria colocar Jesus à prova, encontra-se, por sua vez, colocado à prova. Deve admitir que entre o catecismo e a vida concreta, as coisas não são assim tão óbvias. Sim, certamente, bastaria amar a Deus e ao próximo, mas de fato, na prática, o amor ao próximo é muitas vezes comprometido pelas pessoas que estão perto de nós. Não haveria uma definição de próximo, que nos permitiria amar o próximo sem muitos atritos?

O homem é forçado a sair do catecismo e a fazer uma pergunta que não só parte de seu coração sedento de vida eterna, mas da vida de todos os dias: "E quem é o meu próximo?".

Jesus já obteve assim um resultado daquele homem: obrigou-o a fazer uma ligação entre a pergunta sobre a vida eterna e aquela sobre o amor pelo outro. Antes, provavelmente, ligava a pergunta sobre o sentido da vida somente com aquela do amor de Deus. O amor ao próximo era uma pergunta accidental, ao lado da pergunta religiosa sobre a qual estava concentrado, até porque era o seu trabalho.

"E quem é o meu próximo?". Tem-se a impressão de que a pergunta lhe escape e que se arrependa imediatamente depois de ter pronunciado, mas é tarde demais, e Jesus começou a contar a sua parábola.

E no final da parábola, Jesus surpreende o jurista com outra pergunta: "Qual

destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?". E pede-lhe para ser o próximo misericordioso que o Samaritano foi para o homem ferido: "Vai, e faze tu o mesmo". O que significa: também tu sê o próximo do teu próximo; preocupa-te em ser o próximo dos outros.

Assim, o doutor da Lei foi conduzido por Jesus a evoluir, passando de uma pergunta a outra, para a verdadeira pergunta que devemos colocar-nos se quisermos "herdar a vida eterna." A primeira pergunta que o juristase coloca e faz a Jesus é: "O que devo fazer?". Refere-se a sí, mas ao nível do *fazer*, não do *ser*. A segunda pergunta é: "Quem é o meu próximo?". Não é mais um "que?", mas um "quem?"; uma pergunta, portanto, pessoal; mas o "quem?" são ainda outros, não ele, o doutor da Lei. A terceira pergunta, o Evangelho não menciona explicitamente, mas a vemos no pensamento do homem, se realmente ouviu Jesus. Deveria ser: "Sou o próximo para os outros?". É a pergunta essencial, porque é relacionada ao sujeito que a faz. É uma maneira de perguntar-se: "Quem sou eu?", que é uma pergunta fundamental a ser conscientes da própria identidade, mas é colocada diante dos outros, em relação aos outros. Jesus leva aquele homem a entender, que não pode mais fazer-se a pergunta sobre o caminho de sua vida, sobre seu destino de eternidade, nem sobre os outros, se não começando a calocar-se sobre sí mesmo, em relação aos outros, sobre sí mesmo em relação ao próximo. Os outros, sobretudo os pobres e feridos, as vítimas do mal, da maldade, fazem parte da definição do nosso "eu".

E nós, que vivemos em comunidade, em relação com tantas pessoas presentes ou ausentes, devemos nós também deixar-nos conduzir por Jesus, a pôr-se esta pergunta: "Sou o próximo para os outros? Sou o próximo dos meus irmãos? Sou próximo daquele tal irmão, daquela tal irmã especial, ou de tal pessoa que encontro e que precisa de meu amor, minha presença, meu escutar, meus cuidados, minha compaixão?".

Quando se traz no próprio coração esta pergunta, os outros, mesmo se nos "perturbam", tornam-se um encontro sempre precioso e abençoado, porque nos fazem tornarmos verdadeiramente nós mesmos, como Deus nos quer e nos ama. Fazem-nos começar a participar da vida eterna.

Vimos que Jesus conduziu o doutor da Lei, ao qual, conta a parábola do Bom Samaritano, a pôr-se a verdadeira pergunta: "Sou o próximo para os outros?", e a pôr-se na verdadeira forma da pergunta fundamental: "Quem sou eu?" e como um verdadeiro caminho para a vida eterna, que aquele homem deseja. Jesus o levou a entender que a pergunta sobre o sentido da vida não deve ser colocado apenas com relação ao seu "eu" ou apenas em relação aos outros. É uma pergunta que não deve ser nem egoísta nem altruísta. A pergunta sobre o sentido da vida vem enfrentada de modo adequado somente se não se separa o próprio "eu" do outro, do próximo, mas nem mesmo o outro do próprio "eu". Dizer, eu, eu, eu e dizer os outros, os outros, os outros, é igualmente errado. Jesus leva aquele homem a reconcentrar e reequilibrar o problema da vida eterna, se perguntando se o seu "eu" é próximo, ou mais ainda, se é o próximo do outro. Redefinir sí mesmo como o próximo do outro, situa o "eu" em seu verdadeiro âmbito, âmbito da sua verdade, e os outros no âmbito da verdade deles.